

Ciência sem fronteira, inovações sem limites

Maurício Antônio Lopes

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

O Programa Ciência sem Fronteiras, conduzido pelo CNPq, quer expandir, consolidar e internacionalizar a ação de ciência e tecnologia e de inovação do Brasil. Para isso ele está investindo no aumento do intercâmbio científico, entre as instituições de pesquisa do Brasil e suas congêneres em quase 30 países, e da mobilidade internacional de nossos pesquisadores e estudantes.

O programa foi concebido como uma plataforma de intercâmbio, em que se integram várias formas de emular a interação entre a comunidade científica nacional e internacional, mediante a concessão de 101 mil bolsas de estudos, em quatro anos.

Com 30% dessas bolsas – cerca de 26 mil -, o CNPq está fazendo o que faz desde que foi criado 1950: mandar jovens pesquisadores para os principais centros excelência em pós-graduação dos países desenvolvidos. Só que agora, a iniciativa se restringe aos programas de doutorado e pós-doutorado.

Cerca de 11 mil bolsas vão ser usadas com três propósitos: trazer jovens pesquisadores brasileiros, já radicados no exterior, para uma temporada de trabalhos no Brasil; enviar pesquisadores brasileiros para projetos de desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior; e trazer cientistas estrangeiros experimentados para atuar como "pesquisadores visitantes especiais" em nossas universidades e institutos de pesquisas. São novidades que, tanto pela quantidade quanto pela qualidade dos envolvidos, hão de trazer impactos significativos.

Mas a grande ousadia está no módulo "Graduação Sanduíche": 64 mil estudantes de graduação estão sendo selecionados e enviados a centros universitários de todo o mundo para manter contato com sistemas educacionais competitivos em termos de desenvolvimento tecnológico e inovação. Os impactos desse investimento serão ainda maiores porque, iniciados mais cedo, vão crescer exponencialmente na sequência de educação desses jovens, com sua provável participação na continuidade do projeto nas fases de pós-graduação e de projetos internacionais de desenvolvimento de tecnologias e de inovação.

Dois anos passados e o programa já é um sucesso em termos de execução. Glaucius Oliva, presidente do CNPq, nos informa que no início de outubro já haviam sido selecionados quase 55 mil candidatos e outorgadas as respectivas bolsas: metade do prazo, 50% das metas cumpridas. Mais de 40 mil pesquisadores e estudantes já se encontram nos países escolhidos realizando o seu trabalho e os demais aguardam apenas o trâmite da papelada.

Será um sucesso também em termos de inovação e competitividade científica. Aqui na Embrapa, não temos nenhuma dúvida quanto a isso porque, guardadas as proporções, tivemos no passado um projeto semelhante. Nos anos 1970 e 1980, a Embrapa mandou, para os principais centros de pós-graduação do mundo, mais de quatro mil pesquisadores, de seus quadros, dos institutos estaduais e das universidades agrícolas, muitos de nós recém-saídos da graduação. O resultado é conhecido. O Brasil e sua agricultura são referências em pesquisa e inovação agrícola em condições tropicais.

Aquele projeto nos ensinou que a inovação se dará em pelo menos três dimensões. A inovação tecnológica, a dimensão mais óbvia e visível, será decorrência das outras duas dimensões, a inovação pessoal e a inovação institucional, todas duas mais profundas e duradouras em seus efeitos.

Imaginemos os jovens do módulo "graduação sanduíche". Em primeiro lugar, após meses de imersão numa cultura diferente e, em vários aspectos, contrastante com a nossa, qualquer um deles sofrerá uma aceleração no seu processo de amadurecimento intelectual e profissional e mudanças relevantes na sua compreensão da realidade e no seu juízo de valores. Terá novas, diferentes e maiores ambições de realização científica e tecnológica.

Ele alcançará a proficiência em um segundo idioma, o que vai lhe permitir explicitar-se melhor ante outros estudantes e pesquisadores internacionais e ser avaliado por eles. Muitos deles vão se articular e ser "adotados" por mentores e lideranças científicas internacionais, integrarão suas redes de pesquisa, serão convidados para os programas de mestrado e doutorado e, havendo condições, a permanecer na universidade.

Esses jovens voltarão para universidades, organizações de pesquisa e empresas privadas de base tecnológica. A cada retorno, nesse ciclo de formação científica, suas habilidades, conexões internacionais e ambições expandidas fomentarão a revolução institucional necessária para que toda a cadeia produtiva de ciência e tecnologia do Brasil multiplique a sua competitividade e capacidade de inovação.

As consequências são previsíveis. Se, no passado, quatro mil jovens, centrados nas ciências agrárias e áreas correlatas engendraram a revolução agrícola tropical que o mundo aplaude, imagine o que farão 100 mil jovens dedicados a cerca de 20 áreas do conhecimento, das ciências da terra, do mar e do ar, à nanotecnologia, todas elas sabidamente "portadoras de futuro". A resposta é simples: inovações sem limites.

**Artigo publicado no jornal Correio Braziliense, Brasília, DF, 10 nov. 2013. Opinião, p. 19.*